

## Migrantes-Adolescentes e Socioeducação: Esboços Metodológicos de uma Pesquisa

## Migrants-Adolescents and Socioeducation: Methodological Outlines of a Research

**Cristiano Rodineli de Almeida**

Mestrado em Educação e Saúde, Universidade Federal de São Paulo

Psicólogo, Fundação CASA, Campinas, SP, Brasil

 [cristiano.rodineli@unifesp.br](mailto:cristiano.rodineli@unifesp.br)  <https://orcid.org/0000-0002-2199-0926>

 <https://doi.org/10.29327/2206789.19.34-5>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

### Resumo

Este artigo tem como proposta compartilhar os esboços metodológicos desenhados para uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento na Universidade Federal de São Paulo, no Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência. O objetivo geral da pesquisa é *auscultar* a possível dor de adolescentes migrantes acusados(as) de autoria de ato infracional e cumprindo Medidas Socioeducativas de privação de liberdade no Brasil. Entende-se que isso permitirá compreender a possível produção de subjetividade a que esses sujeitos estão submetidos, atravessados pelos caminhos da migração e pelo momento da internação. Enquanto metodologia, optamos pela abordagem qualitativa, com objetivo de explicar o fenômeno em tela, fazendo uso de encontros presenciais com esses sujeitos no enquadre participante e, portanto, com as técnicas e instrumentais ainda por serem definidos, pois serão pensados a partir da aproximação com esses sujeitos e com aquilo que fizer sentido a eles. Assim, o que temos por ora são ideias que poderão ou não serem utilizadas a partir da experiência empírica com os sujeitos da pesquisa, tal como rege o enquadre de uma pesquisa participante.

*Palavras-chave:* Metodologia Participante, Adolescente, Migrante, Socioeducação.

### Abstract

This article proposes to share the methodological outlines designed for a doctoral research in development at the Federal University of São Paulo, in the Graduate Program in Education and Health in Childhood and Adolescence. The general objective of the research is to listen to the possible pain of migrant adolescents accused of committing an infraction and fulfilling Socio-Educational Measures of privation of liberty in Brazil. It is understood that this will allow us to understand the possible production of subjectivity to which these subjects are subjected, crossed by the paths of migration and the moment of privation of liberty. As a methodology, we opted for a qualitative approach, with the objective of explaining the phenomenon on screen, making use of face-to-face meetings with these subjects in the participant framework and, therefore, with the techniques and instruments still to be defined, as they will be thought from the approach with these subjects and with what makes sense to them. Thus, what we have are ideas that may or may not be used based on empirical experience with the research subjects, as led by the framework of participatory research.

*Keywords:* Participatory Methodology, Adolescent, Migrant, Socio-Education.

Recebido em 24/07/2023

Aceito em 30/08/2023

Publicado em 07/09/2023

## Nas Fronteiras da Socioeducação

*Que a liberdade seja nossa própria substância,  
já que viver é ser livre*

Simone de Beauvoir

A confluência de grandes temas como migração e socioeducação é algo novo, tratando-se de um fenômeno pouco ou quase nada discutido pela comunidade científica e totalmente ignorado nas páginas oficiais dos governos e instituições executoras de Medidas Socioeducativas (Almeida & Sá, 2023).

Enquanto socioeducador e pesquisador, pouco sabia desse campo até ser confrontado na entrevista seletiva para o programa de doutorado na Universidade Federal de São Paulo, ocasião que o Prof. Dr. Rubens Lacerda de Sá, aludido por seus estudos sobre migração e decolonialidade/anti colonialidade, propôs-me este desafio. O pré-projeto original tinha como ideia a análise do discurso do *corre*<sup>22</sup> de adolescentes arrolados em atos infracionais equiparados ao tráfico de drogas no estado de São Paulo. Mantive-me firme na defesa dessa ideia durante minha argumentação.

Ledo engano! Fui levado a crer que se tratava de uma pesquisa importante, mas que me mantinha na zona de conforto e, assim, pouco desafiadora para um doutoramento, afinal, na altura de mais de uma década enquanto socioeducador estava familiarizado com esses(as) adolescentes e, portanto, o alcance dessa temática estaria ligeiramente facilitado. Na ocasião, refletimos sobre as possibilidades conceituais inerentes à figura do *pesquisa-a-dor*. Tal como o destrinchamento da palavra, fui convidado a pensar o lugar do pesquisador enquanto alguém que se movimenta pela sua própria dor e a de outros. Sua porque o ponto inicial é a própria inquietação e angústia com o sofrimento do outro. É esse afetamento que desloca e impulsiona o pesquisa-a-dor a escutar, compreender e encontrar sentidos para os vazios das dores que se conectam. Ao trilhar esse caminho, o pesquisa-a-dor não é inerte ao ambiente ou neutro ao sujeito da pesquisa, ao contrário, revela empatia, enfrentamento e identificações com o outro, com seus amores e dissabores (Sá, 2019).

Esse raciocínio desmoronou minha argumentação e me tencionou para a borda, para a fronteira da socioeducação, lá onde pouco se olha. Fiquei sensibilizado com a possibilidade de ouvir esses(as) meninos(as) que, de pronto, pareciam vivenciar um

---

<sup>22</sup> Nome dado pelos adolescentes ao ato ilícito.

processo importante de invisibilidade. Com ouvidos já habituados aos mais diversos relatos de sofrimento, fiquei intrigado em *auscultar* quais seriam as dores desses adolescentes.

Assim, desde então, o sujeito da pesquisa passou a ser o migrante adolescente acusado de autoria de ato infracional e internado em Medidas Socioeducativas no Brasil.

Dito isso, o objetivo deste artigo é compartilhar os esboços metodológicos pensados a partir da compreensão parcial do sujeito da pesquisa, constituída na experiência empírica deste profissional com o tema da Socioeducação, nos dados já coletados, levantamentos bibliográficos realizados, e nas orientações e disciplinas específicas a condição migrante ofertadas na Universidade, o que nos aproximaram um tanto desses(as) adolescentes. Entendemos que a percepção mais integrada dos sujeitos da pesquisa se dará, somente, no encontro com eles. A partir desse momento, os instrumentais idealizados serão confrontados naquilo que fizer sentido enquanto possibilidade de acesso a esses(as) adolescentes. A pesquisa em tela também pressupõe uma parte quantitativa, no sentido de coleta e análise de dados estatísticos relacionados a números de adolescentes e Centros nos quais encontram-se internados, bem como o histórico de passagem desses adolescentes pelo Sistema Socioeducativo

Assim, o presente texto está organizado em duas partes principais. A primeira, refere-se ao que até então fora alcançado de dados quantitativos e, a segunda, aos esboços metodológicos pensados para o encontro presencial com os sujeitos da pesquisa.

## O Estado da Arte

No Brasil, a política socioeducativa prevê que o(a) adolescente em conflito com a lei fique no máximo três anos privado de sua liberdade<sup>23</sup>. O tempo da internação deve se pautar na evolução das metas pactuadas em seu Plano Individual de Atendimento (PIA)<sup>24</sup>. Difere das regras que sustentam a execução penal, nas quais o adulto após a sentença judicial sabe o tempo que ficará restrito de sua liberdade.

---

<sup>23</sup> A privação de liberdade é considerada a Medida Socioeducativa mais gravosa a ser aplicada ao adolescente. Outras Medidas mais brandas, como advertência, prestação de serviços à comunidade, obrigação de reparar o dano, liberdade assistida e semiliberdade, podem ser utilizadas.

<sup>24</sup> O PIA é um documento elaborado pela Equipe de Referência do Centro [profissionais responsáveis pelo acompanhamento da Medida do adolescente] em conjunto com o próprio adolescente e sua família, conforme artigo 53 da Lei do SINASE. Trata-se, portanto, de um documento potencialmente vivo e de extrema importância na garantia de direitos do adolescente, tanto no ínterim quanto nos pós Medida.

Apesar do caráter pedagógico que sustenta a Medida Socioeducativa (MSE), ela pode se apresentar ao sujeito como uma violência por oferecer-lhe um corte abrupto em suas relações e no curso de sua vida, retirando-o de seu meio e o obrigando a viver uma rotina massificada, ritualizada e preta de acordos tácitos coercitivos (Almeida, 2015).

A privação de liberdade, por si só, pode ser fator de intensa angústia para o sujeito encarcerado em razão do processo de institucionalização a que se encontra submetido. Essa reflexão nos remete ao conceito de *mortificação do eu*, definido por Goffman (1974) como um movimento institucional que busca condicionar a subjetividade em prol de um suposto controle ou “um exemplo mais difuso desse tipo de mortificação ocorre quando é obrigado a executar uma rotina diária de vida que considera estranha a ele— aceitar um papel com o qual não se identifica” (p.31).

A experiência de solidão e esvaziamento, comumente vivida no encarceramento, é potencializada pelos estigmas que (re)inscrevem nesses sujeitos posições quase que socialmente imutáveis. Ascender a qualquer outro lugar social que não aquele marcado pela "delinquência" surge como uma odisseia do impossível. O empuxo à meritocracia diz a esses(as) adolescentes como são indesejáveis e que a culpa e responsabilidade pelas diversas falhas nas provisões ambientais ao longo de suas vidas competem a eles(as) próprios(as). Assim, se antes da internação o(a) adolescente era reconhecido como *vagabundo(a)*, *ladrão(a)*, *trombadinha*, é nas falas que percorrem o cárcere e à boca pequena que a palavra *ladrão(a)*, entre tantos outros *adjetivos*, surgem como àquilo que visa substituir o nome próprio desses(as) adolescentes. A socioeducação, que em tese deveria ressignificar o lugar desse sujeito na cultura, em algumas de suas práticas parece reafirmar o lugar que lhes cabe nela.

Ora, se é possível que o sujeito internado em uma MSE possa estar exposto a um sofrimento produzido na e pela internação, o que podemos dizer se para além de adolescente, em conflito com a lei, em privação de liberdade, também estar na condição de migrante? Pressupomos o acúmulo de sofrimento vivido por esses sujeitos pelo momento da privação de liberdade somada a condição de estrangeiro(a), bem como os impactos sócio-culturais decorrentes.

### **Primeiros Achados**

De modo a compreender o estado da arte do fenômeno do adolescente migrante cumprindo a Medida de Internação no Brasil, realizamos entre dezembro de 2022 e março

de 2023 pesquisa nas páginas oficiais de todos os Sistemas Socioeducativos do país. Para nossa surpresa, não encontramos nenhuma menção sobre a presença de adolescentes estrangeiros(as) nas páginas dos governos estaduais e das instituições que executam as Medidas. Não encontramos, também, em nossa pesquisa documental/ bibliográfica preliminar norteadores técnicos e legais sobre a temática em específico. Essa invisibilidade nos incomodou, pois sabíamos por canais não oficiais sobre a existência desses meninos e meninas nas instituições socioeducativas. Dessa forma, solicitamos esses dados via Lei nº 12.527 de 18/11/2011 - Lei de Acesso à Informação. (Almeida & Sá, 2013).

Dos 23 estados e o Distrito Federal que responderam a solicitação<sup>25</sup>, encontramos sete adolescentes migrantes internados em estabelecimentos socioeducativos, sendo três em São Paulo, três em Roraima e um no Espírito Santo, conforme melhor descrito na tabela 1:

**Tabela 1**

*Adolescentes migrantes internados atualmente em Centros Socioeducativos no Brasil<sup>26</sup>*

Estado de internação	País de origem	Nº de adolescentes	Atos infracionais análogos
São Paulo	Bolívia	1	Tráfico de drogas
	Estados Unidos	1	Furto qualificado
	Argentina	1	Roubo qualificado
Roraima	Venezuela	3	Sendo dois roubos e um homicídio
Espírito Santo	Venezuela	1	Crime contra pessoa, patrimônio e Lei antidrogas.
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	

Fonte: O autor (2023)

Chama-nos a atenção que a maioria dos adolescentes são provenientes da Venezuela, sendo em Roraima o seu maior número. Possivelmente a condição fronteiriça do Estado somada ao fluxo migratório em decorrência da crise humanitária naquele país possam ser motivações para esse número. Percebemos, também, que os atos

<sup>25</sup> Os estados do Acre, Alagoas e Piauí não responderam nossas solicitações.

<sup>26</sup> Esses resultados retratam o momento da coleta de dados em 07/02/2023.

infracionais são diversos relacionados tanto à maior quanto a menor gravidade, não havendo, assim, uma regra nesse quesito.

A presença de adolescentes migrantes no sistema socioeducativo brasileiro não é um fenômeno atual. Nos últimos cinco anos 130 adolescentes passaram pelo sistema socioeducativo brasileiro de internação, conforme aponta a Tabela 2:

**Tabela 2**

*Histórico dos últimos cinco anos de adolescentes migrantes internados nos Centros Socioeducativos no Brasil*

<b>Unidade Federativa</b>	<b>Número e gentílico dos adolescentes</b>
Roraima	68 venezuelanos 03 haitianos
São Paulo	14 paraguaios 08 bolivianos 06 colombianos 02 peruanos 01 espanhol 01 japonês 01 venezuelanos 01 português 01 estadunidense 01 argentino 01 congolês 01 bissau-guineense
Mato Grosso do Sul	11 paraguaios 01 boliviano
Amazonas	02 venezuelanos
Espírito Santo	01 venezuelano
Pernambuco	01 português
Rio de Janeiro	01 congolês
Rio Grande do Norte	01 estadunidense
Rio Grande do Sul	01 uruguaio
Santa Catarina	01 venezuelano
<b>TOTAL</b>	<b>130</b>

*Fonte:* O autor (2023)

A somatória de 130 adolescentes representa uma média de 26 migrantes por ano espalhados pelos Sistemas Socioeducativos do Brasil. Os migrantes existem na socioeducação! Apesar desse fato, a invisibilidade em torno de suas presenças se mostra, oficialmente, nas páginas das instituições. Nesse sentido, essa pesquisa pode oportunizar espaços singulares de escuta, favorecendo discussões que problematizam o

lugar atribuído a esses adolescentes, reconhecendo-os como sujeitos de direitos e desejos imersos em uma trama de significados e relações de poder

### **Esboços de uma Pesquisa Participante**

Ao contrário das pesquisas que se amparam nos métodos positivistas de planejamento e controle da situação observada e de seus resultados, a pesquisa qualitativa considera a emergência da narrativa, privilegiando o encontro entre pesquisador e participante. Nela, não se dá ênfase ao tamanho da amostra, mas a profundidade da experiência e como ela pode se mostrar significativa para o sujeito da pesquisa na construção do conhecimento. É o que argumenta Minayo:

Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. (p.21 *grifo da autora*)

Nesse bojo, os procedimentos participantes podem oferecer alternativas de encontro singular com o sujeito e seu saber, por oferecerem condições de uma produção compartilhada. Refutando a ideia do sujeito como mero instrumento de coleta de dados, a pesquisa participante percebe o sujeito como agente ativo na elaboração de uma saber que se articula entre pesquisador e pesquisado. Essa construção dialógica tem potencial de promover mudanças, objetivas e/ou subjetivas, nos sujeitos e suas realidades, dado o papel significativo desse encontro (Bento & Oliveira, 2022; Partelli & Cabral, 2017).

A pesquisa participante arrola o sujeito em todo o processo investigativo, de modo que possa se sentir parte ativa do desenvolvimento da pesquisa. Pressupõe, de forma integrativa, desde a formulação de objetivos até a discussão dos resultados obtidos. Esse protagonismo tem caráter emancipatório, pois sua base se dá no respeito e conhecimento produzido por e com ele (Brandão, 2014).

Entendemos que não haveria outra abordagem possível que configure oportunidade de encontro significativo com os adolescentes migrantes internados em Medidas Socioeducativas, dadas suas idiossincrasias. É desse lugar que desejamos caminhar nesta pesquisa.



## Dos Sujeitos e Locais da Pesquisa

Elegemos como sujeitos desta pesquisa adolescentes migrantes acusados(as) de autoria de ato infracional e internados(as) em Medidas Socioeducativas de privação de liberdade.

A pesquisa será desenvolvida em Centros de internação. Nesses espaços, a tônica é da segurança e contenção. Tratam-se de lugares estruturalmente murados, cercados e gradeados. Há procedimentos de controle que organizam e delimitam o comportamento e atividades. Apesar do estabelecimento de tratativas antecipadas, nas quais os objetivos, instrumentais e materiais serão apresentados, é possível que exista *in loco* algum conflito de interesse entre as normas de segurança dos Centros e o escopo da pesquisa, os quais serão conduzidos dialogicamente com as pessoas responsáveis.

No momento, foram encontrados sete adolescentes divididos(as) pelos estados de São Paulo (3), Espírito Santo (1) e Roraima (3). Esse número deverá sofrer alterações ao longo da pesquisa pois a MSE segue o Princípio de Brevidade, o qual entende que “as intervenções socioeducativas devem ser aplicadas no menor tempo possível, levando em consideração as intensas e rápidas mudanças ocorridas na fase da adolescência” (Almeida & Kuns, 2018, p. 280). Desse modo, a MSE pode ter duração de seis meses a, no máximo, três anos.

Essa não determinação do tempo nos impede de saber, antecipadamente, o número de participantes, havendo a necessidade de novo levantamento na ocasião de nossa ida ao campo de pesquisa. O número correto de participantes e os locais da pesquisa somente se definirão quando submetermos as autorizações aos Sistemas Socioeducativos e Poderes Judiciários estaduais.

No que tange o acesso a esses adolescentes, considerando os pressupostos éticos e inclusivos da pesquisa participante, entendemos a necessidade da confecção de um convite, no qual haverá a apresentação deste profissional e da proposta desta pesquisa. Isso será feito em formato de história em quadrinhos, em linguagem acessível a esses adolescentes e em três idiomas, a princípio o português, espanhol e inglês. Esse convite será encaminhado por e-mail aos Centros de Atendimento escolhidos para que disponibilizem aos sujeitos antes das entrevistas presenciais. Trata-se de uma ação de aproximação gradual deste pesquisador e sua proposta aos sujeitos da pesquisa.

Junto com esse material, encaminharemos um questionário breve, com perguntas sobre a identificação dos sujeitos e um campo para que possam dissertar sobre o material



encaminhado. Nesse questionário haverá, também, a pergunta sobre o idioma que esses adolescentes desejam ser entrevistados, haja vista que nem todos dominam ou desejam utilizar o português como língua oficial desse encontro. Contudo, esse modelo de entrevista fica condicionado às possibilidades de tradução do pesquisador.

### ***Frentes de Trabalho***

A presente pesquisa enseja a produção de um material rico e denso material, parte em razão do ineditismo do tema, e a outra pelo volume de informações por se tratar de um trabalho a nível nacional. Assim, pensamos em duas frentes metodológicas para a referida pesquisa. A primeira é de abordagem quantitativa, fazendo uso de procedimentos que envolvem a pesquisa documental e a estatística. Nessa abordagem, coletamos informações nas páginas oficiais dos Governos, documentos oficiais (legais e referenciais técnicos), bem como os devidos complementos via Lei de Acesso a Informação, de obter dados como número de adolescentes internados, histórico de internações, estrutura socioeducativa das Unidades Federativas e demais informações que nos oportuniza compreender os números que envolvem a questão do migrante-adolescente em conflito com a lei. Essa etapa já foi realizada, no entanto, haverá novo momento de coleta de dados mais atualizados antes de nossa ida a campo.

Na outra frente metodológica, pensamos em uma abordagem qualitativa, com objetivo de explicar o fenômeno do migrante-adolescente acusado de autoria de ato infracional e cumprindo Medida Socioeducativa de Internação no Brasil, fazendo uso de encontros presenciais com esses sujeitos no enquadre participante e, portanto, com as técnicas e instrumentais ainda por serem definidos. Realizaremos, também, pesquisas bibliográficas sobre o tema da adolescência, migração e socioeducação.

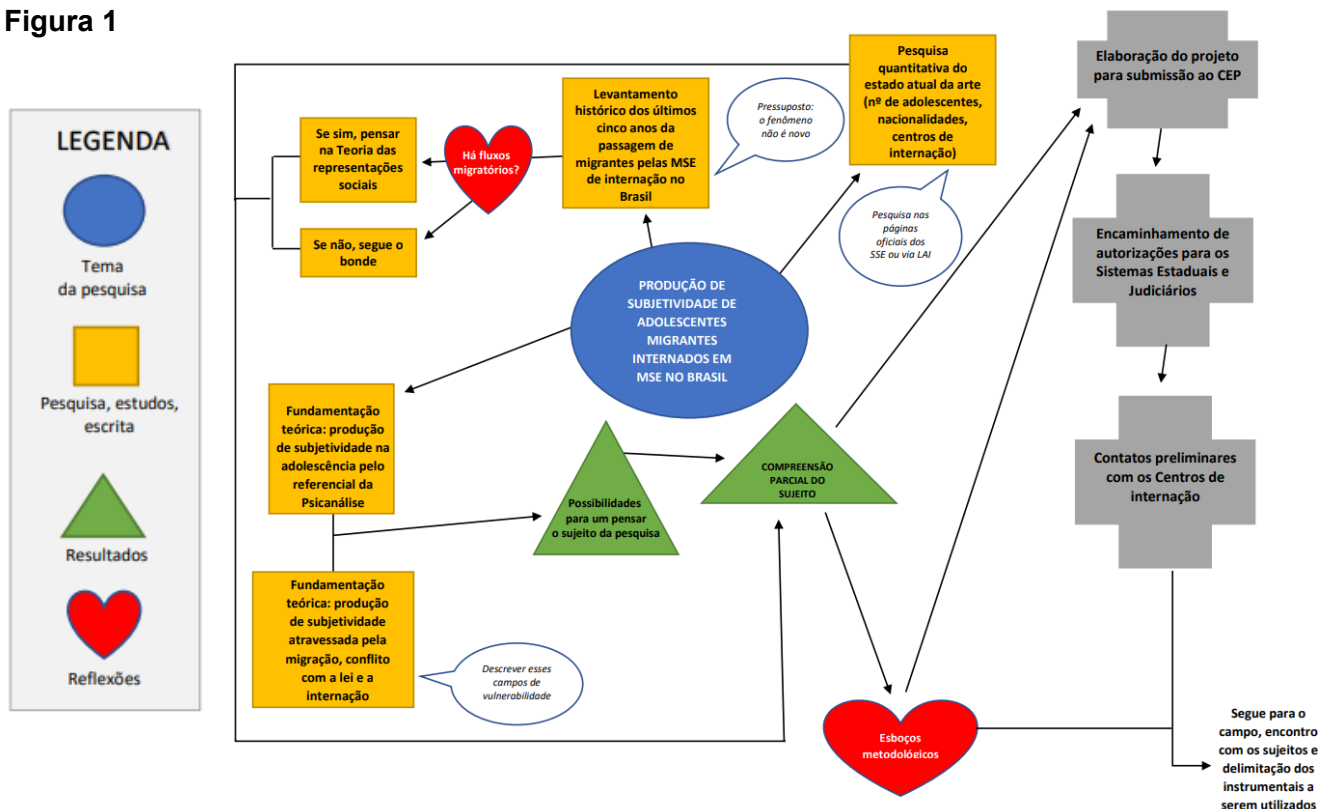
### **Esboços Metodológicos**

Nomeamos este tópico como esboços metodológicos por se tratar, ainda, de um campo em construção. Sua incompletude é proposital e diz respeito ao enquadre da pesquisa participante. Enquanto procedimento de pesquisa, ela compreende a necessidade de construir um saber em conjunto com os sujeitos da pesquisa. Assim, os métodos e técnicas a serem utilizadas serão eleitos após o encontro com os(as) participantes, de modo a construir um caminho metodológico que conecte a todos,

pesquisados(as) e pesquisador. No entanto, o encontro parcial com o sujeito da pesquisa nos permitiu esboçar possibilidades de acesso, às quais discutiremos a seguir.

Há um desenho possível para o momento que antecede a ida ao campo, intitulado como *primeira etapa da pesquisa*. Nele, construímos um esquema que nos possibilita estratégias de estudo e organização, tal como demonstrado na figura 1:

Figura 1



Fonte: O autor (2023)

Essa compreensão parcial do sujeito nos permitiu entender que, talvez, a utilização de *Entrevista em profundidade*, possa ser uma técnica interessante. Esse procedimento metodológico prevê diálogo profícuo entre pesquisador e pesquisado de modo a favorecer a construção do vínculo e, conseqüentemente, a liberdade do falar. Nele pode ser abordado o tema da história de vida de modo geral ou determinada parte que faça sentido aquele encontro:

(...) a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. (Minayo, 1994. p.59).

A narrativa produzida a partir desse procedimento permite a construção de um saber atrelado ao testemunho de vida desses sujeitos, aspecto riquíssimo para o escopo das pesquisas participantes.

Os levantamentos estatísticos já realizados nos permitiram, além de acesso a parte quantitativa da temática, perceber a existência de fluxos migratórios na história de vida desses(as) adolescentes, em destaque a de origem venezuelana. Essa similaridade de experiência – origem da migração e condição de interno(a) em MSE-, levam-nos a pensar na teoria das representações sociais, entendidas por Aiello-Vaisberg como (...) grupo particular de condutas, definidas por ocorrerem na área mental em âmbito sociodinâmico, na medida que correspondem a manifestações simbólicas de subjetividades grupais.” (1997. p.255).

Assim, o fenômeno da migração e da privação de liberdade são representações possíveis de compartilhamento a partir da vivência singular de cada participante. Como possibilidade de acesso a esse campo, pensamos, enquanto instrumental, no *Procedimento do Desenho-Estória com Tema*<sup>27</sup>. Trata-se de uma técnica projetiva brasileira fundamentada na psicanálise utilizada no estudo psicodinâmico das representações sociais. Sua aplicação oportuniza um cenário lúdico à entrevista, oferecendo:

(...) condições para o estudo de imaginários coletivos, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, ao mesmo tempo que pode trazer benefícios de ordem emocional aos participantes, uma vez que, ao entrarem em contato com suas atividades imaginativas, aproximam-se de suas próprias crenças, sentimentos, pensamentos e fantasias sobre o tema proposto (Visintin, Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2023. p.104)

Na aplicação, elege-se um tema e solicita a elaboração livre de desenhos, seguidos da contação de histórias sobre a produção. Pode ser aplicado em grupo ou em entrevistas individuais. Requer, enquanto material, folhas A4, lápis de escrever e de colorir sobre uma mesa. A produção pode ser cromática e cromática, ficando a critério do(a) participante. A partir dessas produções, estabelece-se uma relação dialógica entre pesquisador e participante, de modo a compreender os possíveis significados e associações suscitadas pelos desenhos e histórias (Rentes, 2022).

---

<sup>27</sup> Esse procedimento é uma derivação do Desenho-Estória, criado nos anos 70 pelo psicólogo brasileiro Walter Trinca.

## Considerações Caminhantes

Neste artigo tivemos a oportunidade de compartilhar alguns de nossos achados, inclusive, aqueles que nos aproximaram da visão parcial do sujeito da pesquisa. Trouxemos a entrevista em profundidade e o Desenho-Estória com Tema como técnicas que valorizam o discurso do sujeito e privilegiam a emergência da narrativa. Não obstante, o encontro presencial com esses sujeitos será determinante e fundamental para que possamos validar ou repensar os instrumentais aqui descritos.

De todo modo, o exercício deste pesquisador em fazer circular não apenas a parte metodológica, mas, também, a ideia de estudar o migrante adolescente acusado de autoria de ato infracional e privado de sua liberdade, pode já ser ensejo para a anunciação da presença desses sujeitos que, até então, ocupavam lugar à sombra da Socioeducação.

## Referências

Aiello-Vaisberg, T. M.J. (1997) Investigação de Representações Sociais. Em W. Trinca (Org). *Formas de investigação clínica em psicologia: Procedimento de desenhos-estórias, procedimento de desenhos de família com estórias*, (pp. 255-288). Vetor.

Almeida, C. R. (2015) Sofrimento psíquico e o mal-estar institucional: Reflexões sobre a prática do psicólogo no contexto das Medidas Socioeducativas de Internação *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 2(1), 23-32.

Almeida, C., & Kunz, S. (2019) O princípio de brevidade e a atuação profissional frente ao tempo de privação de liberdade. *Revista Trabalho, Política e Sociedade*, 3(5), 275-303. <https://doi.org/10.29404/rtps-v3i5.3950>

Almeida, C. R., & Sá, R. L. (2023) Panorama socioeducativo brasileiro das medidas de privação e restrição de liberdade. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 9(1), 08-35. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137panorama>

Bento, K.L., & Oliveira, L.B. (2022) Construções e desconstruções epistemológicas de/em uma pesquisa participante: Um fazer coletivo com o povo Laklãnõ/Xokleng. *Revista Brasileira de Educação*, 27(e270093), 1-22. <https://doi.org/10.1590/S1413>

Brandão, C. R. (2014) A construção coletiva da pesquisa: Contexto, mediações e instrumentos. Em D. R. Streck & T. Adams (Orgs.) *Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade*, (pp. 31-43). CRV.

Goffman, E. (2012) *Manicômios, prisões e conventos*. Perspectiva.

Minayo, M.C.S. (1994) *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Partelli, A. N. M., & Cabral, I. E. ( 2017) Histórias sobre álcool em comunidade quilombola: Metodologia participativa de criação-validação de quadrinhos por adolescentes. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(4). <http://dx.doi.org/10.1590/0104>

Rentes, R. (2022) *Os meninos de Heliópolis: O ser e fazer de adolescentes em conflito com a lei e a sintomática criminal*. Appris.

Sá, R. L. (2019). *Internacionalização, hospitalidade e ideologia: Por um protocolo de acesso, acolhimento e acompanhamento*, [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório UNICAMP <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2020.1128725>

Visintin, C. D. N., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2023). O procedimento de desenhos-estórias com tema em pesquisas qualitativas sobre imaginários coletivos. *Estilos Da Clinica*, 28(1), 98-114. <https://doi.org/10.11606>